

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência – AYRES, Lygia Santa Maria; COUTINHO, Ana Paula Cardoso; SÁ, Daniele Amaral de; ALBERNAZ, Thainá. Abrigo e abrigados: construções e desconstruções de um estigma. Estudos e Pesquisas em Psicologia (Rio de Janeiro/RJ), 10, 420-433, 2010.

2) Resumo e Palavras-Chave – Partindo de uma pesquisa bibliográfica acerca das produções acadêmicas referentes às temáticas abrigamento, convivência e destituição do poder familiar, entre os anos de 2000 a 2008, constatamos que alguns artigos atribuíam às crianças e aos adolescentes abrigados uma identidade particular, segundo certas concepções psicológicas que os aprisionam em determinadas formas de ser. Esse artigo coloca em análise a construção de estigmas institucionais, dentre eles, déficits nas crianças e jovens abrigados: problemas de atenção, dificuldade de aprendizagem, prejuízos em relação a mecanismos de defesa, excesso de agressividade, embaraços nas relações afetivas, dificuldade de expressão, carência de afetos. A análise do discurso foi a opção escolhida por nos possibilitar compreender todo um leque de relações que atravessam as falas dos especialistas e que participam da produção, reprodução, manutenção ou transformação das práticas sociais e das relações de saber-poder com as suas implicações ético-políticas.

Palavras-Chave: abrigos; estigma; família.

3) Objetivo do estudo – Esta pesquisa objetivou cartografar (GUATTARI, 1996) as diferentes subjetividades que atravessam as produções acadêmicas sobre as temáticas abrigamento, convivência e destituição do poder familiar. O intuito principal era investigar o que estava sendo produzido sobre o abrigo para crianças e adolescentes.

4) Tipo de pesquisa – Pesquisa bibliográfica.

5) Período da pesquisa – A pesquisa teve início em 2007, tendo sido realizado um levantamento e análise de artigos, textos, dissertações e teses referentes a essa temática, datados entre os anos de 2000 e 2008.

6) Forma de coleta de dados – Coletou-se, sobre o tema abrigamento, ao todo: 13 livros, 31 artigos e 28 trabalhos acadêmicos que se distribuem entre teses, dissertações e monografias. Foram consultados trabalhos bibliográficos nos quais a forma abrigo para crianças e adolescentes fosse discutida mesmo que de modo indireto, não se limitando a uma dada área de conhecimento, pois o interesse se dava em perceber como o abrigo e as questões que circundam o tema eram tratados pelos autores.

Neste sentido, os trabalhos consultados abrangiam desde pesquisas sobre experiências profissionais, intervenções psicológicas, médicas à pesquisas quantitativas, experimentais, bibliográficas, entre outros.

7) Forma de análise dos dados produzidos/referencial teórico – Os discursos e os conteúdos veiculados pelos especialistas (autores e co-autores) foram trabalhados segundo a análise do discurso, tomando-se como principais norteadores os trabalhos de Foucault (2000 e 2004) e algumas contribuições de Rocha-Coutinho (1994, 1998) e Orlandi (2002). A análise do discurso foi a opção escolhida por nos possibilitar compreender todo um leque de relações que atravessam as falas dos especialistas e que participam da produção, reprodução, manutenção ou transformação das práticas sociais e das relações de saber-poder com as suas implicações ético-políticas. Ao longo das leituras e discussões sobre os textos coletados, retiramos, destes, categorias de análise. Uma das categorias que se mostrou proeminente durante as análises foi por nós denominada de Estigma Institucional.

8) Resultados / dados produzidos – Constatamos que alguns artigos atribuíam às crianças e aos adolescentes abrigados uma identidade particular, segundo certas concepções psicológicas que os aprisionam em determinadas formas de ser. (...) a imensa maioria do material levantado em nosso trabalho de pesquisa fala sobre os déficits das crianças abrigadas. Déficit de atenção, dificuldade de aprendizagem, prejuízos em relação a mecanismos de defesa ou, então, excesso de agressividade, assim como embaraços nas relações afetivas, dificuldades de expressão, carência de afetos, dentre outros, são algumas das marcas atribuídas à institucionalização, ou melhor, às crianças e adolescentes institucionalizados. Este tipo de discurso pôde ser claramente notado em diversos textos lidos na pesquisa. Nesta perspectiva, crianças e adolescentes podem, a partir do ECA, ser vistos como sujeitos de direitos, porém considerados, basicamente, por meio de uma carência, um ônus, um déficit. Ou seja, eles podem ter conquistado o estatuto de sujeito de direitos, mas a produção desta subjetividade onerosa a seu respeito parece perpetuar. No entanto, há textos que apresentam análises na contramão da perpetuação de um estigma ligado à vida no abrigo, à lógica da menos-valia, do sofrimento, do abandono, por mais que, aparentemente, o pesquisador espere encontrar este tipo de sentimento nas crianças que ali estão. Dentre os materiais levantados destacamos alguns trechos que ilustram o referido: em seus discursos (das crianças) não aparecem componentes emocionais, como o ressentimento, a raiva e a culpa pelo fato de viverem em um abrigo. (DIUVANI-TOMAZONI; VIEIRA, 2004, p. 213). Este tipo de deslocamento, em que os autores não seguem a lógica determinista do estigma, revela as linhas flexíveis, possibilitadas por pensamentos desprovidos de modelos e ideais, ao considerarem os atravessamentos e produções históricas acerca de instituições, como a família, a infância, os pais, a casa, a criação e todas as outras que permeiam o assunto em pauta. Tal pensamento desviante da lógica do estigma favorece e demonstra que o campo de pesquisa não está dado e que os sujeitos abordados não se referem a objetos previsíveis e acabados. Ao trabalharem desta maneira, tais autores estabelecem maior proximidade com os sujeitos em questão, se relacionando com eles sem a mediação de universalismos e ideais.

Neste sentido, os trabalhos resultantes desta abordagem e deste contato retratam com maior riqueza o contexto e os atravessamentos sócio-históricos que atuam na dinâmica de abrigamento estudada, livre das estigmatizações sobre a criança ou adolescente em questão e sua família. Além disso, diversas vezes a família é culpabilizada por não conseguir suprir as necessidades de seus dependentes. Quando as crianças e adolescentes estão em condição de risco, a “culpa” recai sobre a família, sem considerar que esta, muitas vezes, passa dificuldades sócio-econômicas por estar sendo desatendida pelo Estado e pela sociedade. (RICARDO; LAVORATTI, 2007, p. 250-251).

9) Recomendações – Não identificado.

10) Observações e destaques – Este trabalho traduz algumas reflexões produzidas pela pesquisa “Cenários dos abrigos no Brasil: uma leitura a partir de produções acadêmicas”, do Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios de Exclusão Social (PIVETES), realizado pelo Departamento de Psicologia, Laboratório de Subjetividade e Política (LASP) e Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.